

Sua Excelência, o pedreiro

44

“Quando cheguei por aqui, muita gente achava que o Senado era lugar de magnatas e doutores. Eu representante o povo, o peão trabalhador”, diz, cheio de orgulho, o senador João França (PP-RR).

França foi mestre-de-obras, saxofonista, violeiro, fabricante de fogos de artifício e alfaiate. Nasceu em 1939, em Missão Velha (CE), e chegou ao Senado com a ajuda do destino: era suplente de Hélio Campos (PMN), que faleceu em 91.

Com 14 irmãos, começou a vida na roça, plantando arroz, milho e feijão. Aos 8 anos, porém, foi tentar a sorte em Santa Luzia (MA), onde aprendeu o ofício de mestre-de-obras.

“Eu fazia prédios de até seis andares, sem engenheiro. Sei trabalhar até hoje como pedreiro, carpinteiro, eletricitista e engenheiro hidráulico.”

Sonhos — Em 73, o parlamentar seguiu para Manaus. “Em 25 de dezembro de 1977 fui *em riba* de uma balsa para Roraima e cheguei no dia seguinte”, recorda.

Já aos 14 anos, França atuava como cabo eleitoral no Maranhão.

Em 78, fez campanha para Hélio Campos, que se reelegeu deputado fe-

deral. Em 82, lançado por Campos, se candidatou pela primeira e única vez. Por uma diferença de três votos, entretanto, não conseguiu se eleger vereador.

Em seguida, acumulou três derrotas como assessor de Hélio Campos: para prefeito de Roraima, em 84, deputado federal, em 86, e prefeito, em 88.

Finalmente Campos ganhou uma, em 90, com 34 mil dos 56 mil votos válidos. E lá estava França: “Todos perguntavam porque ele me escolheu como suplente, com tantos doutores por aí. E Campos respondia que só confiava em mim”.

Um mês depois de empossado, o dono do mandato faleceu. Começava então o drama do ex mestre-de-obras: “Vieram repórteres do mundo inteiro conhecer o peão senador. Tive que passar umas semanas fora para ver se meu gabinete esvaziava”, relembra.

Casado há 31 anos com Lucimar Miranda e pai de seis filhos, França continua com uma vida simples. Gosta de passear de carro, torce pelo Botafogo e acompanha os amigos em serrestas.

Não bebe — “nunca trisquei”, jura — e gosta de tocar violão. É saxofonista, mas não tem o instrumento em casa. Ideologicamente, ele se define como direita: “Sempre estou ao lado do governo, porque só assim a gente consegue ajudar o povo. Aqui, a gente não manda, só pede”. (JJ)

*João França
sabe trabalhar
até hoje como
pedreiro e
carpinteiro*